

ESPECIFICIDADES DA VIOLÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS LGBTQIA+: REVISÃO NARRATIVA DAS TESES E DISSERTAÇÕES BRASILEIRAS

SPECIFICITIES OF VIOLENCE IN LGBTQIA+ INTIMATE RELATIONSHIPS: A NARRATIVE REVIEW OF BRAZILIAN THESES AND DISSERTATIONS

ESPECIFICIDADES DE LA VIOLENCIA EN LAS RELACIONES ÍNTIMAS LGBTQIA+: REVISIÓN NARRATIVA DE LAS TESIS Y DISERTACIONES BRASILEÑAS

Júlia Fidelis Fernandes de Almeida¹ 

Resumo: Os relacionamentos abusivos, comumente referidos no campo da saúde sob a terminologia de violência por parceiro íntimo (VPI), são amplamente documentados com enfoque cisheteronormativo, havendo comparativa escassez no que concerne à vivência desse fenômeno pela população LGBTQIA+. Haja vista as especificidades vivenciais de relações amorosas experienciadas por esta comunidade, pelo atravessamento de estressores sociais, bem como a existência de dinâmicas relacionais e padrões culturais específicos a minorias sexuais e de gênero, é mister explorar as particularidades da VPI para além de populações heterossexuais. O presente artigo constitui uma revisão narrativa de literatura, realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que explora produções brasileiras sobre o fenômeno. Observou-se escassez de estudos voltados à temática, com predominância de pesquisas centradas nas experiências de homens cis gays e reduzida atenção a outros segmentos da comunidade LGBTQIA+. Os resultados evidenciam a influência de concepções sociais heterocentradas da VPI na invisibilização de sua ocorrência em relações LGBTQIA+, bem como apontam a presença de desigualdades de poder, vulnerabilidades interseccionais e barreiras institucionais que atravessam essas vivências.

Palavras-chave: Violência por Parceiro Íntimo; Minorias Sexuais e de Gênero; Pessoas LGBTQIA+.

Abstract: Abusive relationships, commonly referred to in the health field under the terminology of intimate partner violence (IPV), are widely documented from a cisheteronormative perspective, with comparatively limited attention to how this phenomenon is experienced by the LGBTQIA+ population. Considering the specific relational experiences within this community—shaped by the presence of social stressors as well as relational dynamics and cultural patterns specific to sexual and gender minorities—it is necessary to explore the particularities of IPV beyond heterosexual populations. This article presents a narrative literature review conducted in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), examining Brazilian academic productions on the phenomenon. The findings indicate a scarcity of studies addressing this topic, with a predominance of research focused on the experiences of cisgender gay men and limited attention to other segments of the LGBTQIA+ community. The results highlight the influence of heterocentered social conceptions of IPV in rendering its occurrence within LGBTQIA+ relationships invisible, as well as pointing to the presence of power inequalities, intersectional vulnerabilities, and institutional barriers that shape these experiences.

Keywords: Intimate Partner Violence; Sexual and Gender Minorities; LGBTQIA+ people.

Resumen: Las relaciones abusivas, comúnmente denominadas en el campo de la salud bajo la terminología de violencia de pareja íntima (VPI), están ampliamente documentadas desde una perspectiva cisheteronormativa, existiendo una escasez comparativa en lo que respecta a la vivencia de este fenómeno por parte de la población LGBTQIA+. Dadas las especificidades de las experiencias relacionales dentro de esta comunidad—atravesadas por estresores sociales, así como por dinámicas relacionales y patrones culturales propios de las minorías sexuales y de género—resulta necesario explorar las particularidades de la VPI más allá de las poblaciones heterossexuales. El presente artículo constituye una revisión narrativa de la literatura, realizada en la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (BDTD), que examina producciones académicas brasileñas sobre el fenómeno. Se observó una escasez de estudios centrados en esta temática,



¹Prática Clínica Autônoma, Ceará, Brasil. Especialista em Sexualidade Humana. psijuliafidelis@gmail.com

con predominio de investigaciones enfocadas en las experiencias de hombres cis gays y una atención reducida a otros segmentos de la comunidad LGBTQIA+. Los resultados evidencian la influencia de concepciones sociales heterocentradas de la VPI en la invisibilización de su ocurrencia en relaciones LGBTQIA+, así como señalan la presencia de desigualdades de poder, vulnerabilidades interseccionales y barreras institucionales que atraviesan estas experiencias.

Palabras clave: Violencia de Pareja; Minorías sexuales y de género; Personas LGBTQIA+.

Introdução

Os relacionamentos abusivos são amplamente discutidos atualmente, sendo referenciados no senso comum, em redes sociais e em produções acadêmicas (Sousa, 2017) como relações nas quais uma das partes apresenta poder excessivo sobre a outra, evidenciando dominação mediante violência (Tribunal de Justiça do Paraná, 2023). Destaca-se a falta de consenso quanto à definição deste conceito na comunidade científica, havendo variação das nomenclaturas empregadas para referi-lo (Coelho; Silva; Lindner, 2018).

Zibenberg e Costa (2023) analisaram as diferentes definições utilizadas para relacionamentos abusivos, evidenciando suas variações e divergências, inclusive referentes aos tipos de relações contemplados pelo termo (Zibenberg; Costa, 2023). Assim, sugerem que “relacionamento abusivo” contemple “relacionamentos marcados por dinâmicas abusivas de modo abrangente e não excludente” (Zibenberg; Costa, 2023, p. 40), similarmente à definição de Pires (2022, p. 11) de “qualquer relação afetiva em que exista a presença de violência, seja ela de forma explícita ou sutil”.

A definição mais disseminada nas áreas da saúde advém das tipologias de violência propostas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (Krug *et al.*, 2002). Neste, a violência é categorizada em três grupos: auto-infligida, coletiva e interpessoal, sendo a última dividida em dois subgrupos, sendo um deles “violência da família e de parceiro(a) íntimo(a)”, cuja “natureza dos atos ser física, sexual ou psicológica, podendo envolver privação ou negligência” (Krug *et al.*, 2002, p. 6, tradução própria¹).

É dentro desta tipologia que os relacionamentos amorosos abusivos são entendidos, sendo a Violência por Parceiro Íntimo (VPI) definida como “comportamentos dentro de uma relação íntima que causem danos físicos, sexuais ou psicológicos, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos de controle” (OMS, 2022, tradução própria²), abrangendo parceiros atuais e prévios.

Nota-se o enfoque dado por produções acadêmicas e discursos sociais (Sousa, 2017; OMS, 2018; Krug *et al.*, 2002) a uma perspectiva crítica de gênero dos relacionamentos violentos. Esta lente compreende a influência do patriarcado em desigualdades sociais estruturais entre homens e mulheres, e, consequentemente, no estabelecimento de hierarquias que acarretam a ocorrência de dinâmicas relacionais violentas (Krug *et al.*, 2002; OMS, 2018). Dada a alta incidência de violência sofrida historicamente pelas mulheres, a predominância de produções voltadas a denunciar, compreender e buscar formas de combater tal subjugação se justifica.

No entanto, percebe-se que tal leitura, voltada à violência perpetrada contra mulheres por parceiros do gênero masculino, restringe o escopo das discussões a relacionamentos cujos participantes são cisgêneros e heterossexuais. Há menos trabalhos que exploram relações violentas para além desses moldes, como encontram Zibenberg e Costa (2023), cujos 70% dos trabalhos analisados contemplavam apenas relacionamentos heterossexuais.

As vivências de indivíduos pertencentes a minorias sexuais e de gênero são atravessadas por características do chamado Estresse Minoritário (EM), concepção que compreende a existência de eventos processos sociais estigmatizantes e marginalizantes, como a internalização de autoconceitos negativos e ocultamento do pertencimento aos grupos minoritários (Meyer, 2003). Assim, entende-se que aspectos estruturais e culturais da sociedade, cisheteronormativa violenta a indivíduos que destoam dessa norma, acarretam comumente no adoecimento físico e psicológico destes, evidenciando disparidades de saúde comparadas a

¹No original: “the nature of violent acts, which can be: physical; sexual; psychological; involving deprivation or neglect”.

²No original: “behaviour within an intimate relationship that causes physical, sexual or psychological harm, including acts of physical aggression, sexual coercion, psychological abuse and controlling behaviours”.

sujeitos heterossexuais (Meyer, 2003). Gaspar e Vieira (2025) evidenciam efeitos como fragilização da auto-estima, enfraquecimento de vínculos e falta de apoio familiar, além da adoção de atitudes compensatórias e de renúncia à autenticidade visando o pertencimento.

Notabiliza-se a existência de especificidades e fragilidades nas vivências de minorias sexuais e de gênero, incluindo os relacionamentos violentos. Estudos voltados majoritariamente à comunidade cisheterossexual contribuem para a percepção social de que, em relacionamentos LGBTQIA+, não haveriam assimetrias ou violências sistemáticas como as existentes nos relacionamentos cisgênero e heterossexuais, dificultando seu reconhecimento. Diante disso, o presente artigo pretende compreender as especificidades da violência em relacionamentos entre pessoas LGBTQIA+ presentes na produção científica brasileira. Para tal, o trabalho se pauta em uma revisão narrativa de teses e dissertações nacionais.

Método

A presente revisão narrativa de literatura, caracterizada pela sistematização de informações com flexibilidade metodológica (Flor *et al.*, 2021), foi realizada entre os meses de outubro e dezembro de 2025. Optou-se pela análise de dissertações e teses, devido à profundidade teórica e rigor metodológico destas, restringindo as buscas à base de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Foram utilizados os termos “relacionamento abusivo” e “violência por parceiro íntimo”, combinadas a palavras-chave referentes à comunidade LGBTQIA+, fossem estas amplas (“minorias sexuais e de gênero”, “lgbt” e “pessoas do mesmo sexo”) ou referentes a populações específicas (“gays”, “lésbicas”, “bissexuais”, “homossexuais”, “pessoas trans”, “homens que se relacionam com homens” e “mulheres que se relacionam com mulheres”). Foram utilizados caracteres de truncagem para abarcar variações de gênero e número. As buscas foram replicadas em língua inglesa, acrescentando uma publicação (Gil, 2022), cujos descritores em português continham erros de digitação.

Foram encontrados 187 resultados; após exclusão de repetições, e análise dos títulos e resumos, na qual foram excluídas produções que não abordassem, de forma conjunta, relacionamentos violentos e a comunidade LGBTQIA+ restaram treze produções. Ressalta-se que parte dos trabalhos abordou a intersecção das temáticas de forma parcial, não a enfocando exclusivamente. Dentre os escritos selecionados, um (Chotgues, 2023) encontra-se em confidencialidade, sendo excluído das análises. Ao final, foram incluídas quatro teses de doutorado e oito dissertações de mestrado, totalizando doze produções.

Resultados

Os escritos analisados, publicados entre 2017 e 2024, apresentam heterogeneidade metodológica, variando entre estudos quantitativos e qualitativos, com delineamentos descritivos e transversais, assim inviabilizando comparações diretas. Dentre eles, predominam estudos com homens gays cisgêneros, totalizando quatro produções. Em comparação, outros recortes foram menos frequentes: duas produções abordaram mulheres cisgênero que se relacionam com mulheres; duas englobaram a comunidade LGBTQIA+ de forma geral; e duas enfocaram jovens de minorias sexuais, sendo uma delas dedicada exclusivamente a bissexuais.

Convém destacar a baixa inclusão da população transgênero e não binária, especialmente de indivíduos transmasculinos, evidenciando sua invisibilização. Dois trabalhos voltaram-se às experiências de mulheres trans e travestis; contudo, ambos abordaram a violência de forma geral, sendo a VPI apenas uma categoria analisada.

Nesse sentido, a VPI LGBTQIA+, embora tematizada por todos os trabalhos, não constituiu o objeto central de parte significativa deles, sendo por vezes abordada de forma tangencial. Nota-se também que parte das pesquisas incluiu pessoas que não vivenciaram relacionamentos abusivos, tematizando suas percepções sobre a temática. Esse cenário evidencia a escassez de investigações específicas a populações diversas, dificultando a apreensão do fenômeno.

Ademais, configurações relacionais não monogâmicas não foram exploradas nas pesquisas, sendo mencionadas apenas tangencialmente em Souza (2021), na articulação teórica entre monogamia, masculinidade e posse. Quanto à abrangência territorial, observa-se predomínio de estudos na região Sudeste (seis).

As demais regiões foram representadas por um estudo cada, enquanto duas pesquisas realizaram coleta online, acessando participantes de diferentes localidades.

Discussão

Os achados desta revisão evidenciaram que a violência nos relacionamentos LGBTQIA+, embora temática persistente e relevante, é foco de poucas teses e dissertações realizadas no cenário brasileiro. Apesar das diferenças nos focos populacionais, articulações teóricas e abordagens metodológicas evidenciadas, foi possível identificar especificidades e vulnerabilidades da VPI LGBTQIA+, as quais emergem atravessadas por condições sociais e normativas (Ferrari, 2021; Campeiz, 2023; Matta, 2021). Assim, entende-se que relacionamentos violentos LGBTQIA+ vão além de dinâmicas privadas, sendo articulados a marcadores sociais e estruturas sociais que vulnerabilizam e invisibilizam tal fenômeno (Souza, 2021; Silva, 2020). A seguir, discutem-se as particularidades da VPI LGBTQIA+ identificadas nas pesquisas.

Fatores de ocorrência

A análise dos estudos evidenciou desigualdades de poder que contribuem para a ocorrência de violência nos relacionamentos íntimos LGBTQIA+, afastando-se da compreensão social de que estas advêm unicamente de atribuições de gênero em relações cisheterossexuais (Ferrari, 2021; Silva, 2020). As assimetrias não se reduzem à orientação sexual ou identidade de gênero das parcerias, mas se constroem no entrelaçamento de marcadores como raça, classe, idade, escolaridade, religião, padrões estéticos e contextos sociopolíticos e culturais que se interseccionam com performances e expectativas relacionais (Souza, 2021; Ferrari, 2021; Silva, 2020; Matta, 2021; Campeiz, 2023).

Nesse sentido, a atribuição de valores e hierarquias associadas a performances de gênero e sexualidade alia-se a cobranças sociais direcionadas a esses indivíduos, produzindo tensões e reforçando distinções de poder em relacionamentos LGBTQIA+. Geram, assim, vulnerabilidades e dependências - emocionais, materiais e simbólicas -, articulando-se a formas específicas de violências - racistas, classistas, gordofóbicas, entre outras (Souza, 2021; Ferrari, 2021; Domingos, 2024; Silva, 2020).

Os estudos que abordam relações entre homens apontam a masculinidade como influenciadora de dinâmicas de poder e violência, considerando a subjetivação dos indivíduos em nossa sociedade, marcada pelo domínio patriarcal, que atribui superioridade a valores como virilidade, força, agressividade e dominação, associadas ao masculino (Souza, 2021; Ferrari, 2021; Moreira, 2017; Domingos, 2024; Campeiz, 2021). Tais construções repercutem nas relações afetivo-sexuais entre homens, influenciando papéis e expectativas relacionadas à performance de gênero e às posições sexuais exercidas.

Nesse sentido, posições de passividade sexual e performances de gênero que rompem com a masculinidade hegemônica foram associadas pelos participantes ao papel social de “feminilidade” atribuído de forma depreciativa à mulher, acarretando expectativas de subserviência e influenciando a ocorrência de VPI. Em Ferrari (2021) emergiu maior vitimação por VPI entre entrevistados autoidentificados como “passivos” e “afeminados”. De forma similar, Domingos (2024) identifica maior risco de VPI nos entrevistados que aderiam rigidamente a expectativas de gênero heteronormativas, especialmente aquelas relacionadas a comportamentos de controle, ciúme e comunicação violenta. Souza (2021) identifica tensões relacionadas a “parecer ou não gay” como influenciadoras dos conflitos nos relacionamentos entre homens. O autor também indica que o rompimento com performances da masculinidade hegemônica não implica necessariamente ocupar o papel de vítima, evidenciado por relatos de entrevistados que, mesmo ocupando posições de passividade sexual ou apresentando performances de feminilidade, relatam ter perpetrado violências (Souza, 2021).

Nas relações entre mulheres, as construções de gênero se revelam de formas distintas, atravessadas por um discurso social que caracteriza a feminilidade como “não violenta” (Silva, 2020). A autora evidencia que algumas de suas entrevistadas reconheciam determinada ação como violenta apenas quando perpetrada por alguém de performance de gênero masculinizada, associada a ideias de força física e simbólica, desconsiderando violências e ameaças vindas de parceiras percebidas como femininas (Silva, 2020). Além disso, as

entrevistadas empregam distinção entre “violência”, “abusividade” e “conflitos”, muitas vezes não identificando a conjugalidade vivida como violenta, apesar de relatarem práticas de controle e agressão (Silva, 2020).

Indo além das leituras de gênero, os estudos apontam o estigma social e a discriminação como fatores favoráveis à vulnerabilização de indivíduos LGBTQIA+ à violência. Souza (2021) destaca impactos deste contexto social na autoestima, saúde mental e estratégias de autocuidado, enquanto Domingos (2024) relaciona o Estresse de Minorias (EM) a níveis mais altos de VPI em casais LGB, afetando tanto vitimação quanto perpetração. Nessa conjuntura, Gaspodini (2021) procura correlacionar VPI, EM e sintomas emocionais em pessoas LGBT; embora o estudo não tenha encontrado parâmetros estatísticos suficientes para análises estruturais seus resultados convergem com evidências internacionais (Gaspodini, 2021). Soma-se a isso o relato dos participantes de Silva (2020) e Domingos (2024), que indicam violências sociais prévias a quaisquer envolvimento conjugal, decorrentes de suas orientações sexuais e performances de gênero; pode-se pensar em naturalização ou dessensibilização à violência nesses casos como um possível empecilho ao reconhecimento da VPI.

A identificação das violências vivenciadas em relacionamentos amorosos LGBTQIA+ é também dificultada, segundo os estudos analisados, pela incidência de discursos sociais quase exclusivamente heteronormativos acerca da VPI, acarretando a crença de que a VPI LGBTQIA+ não possui particularidades ou, não ocorre (Matta, 2021). Essa conjuntura repercute, socialmente, na invisibilização da temática, explicada por Souza (2021) mediante a noção de “produção de ausência”, na qual discursos sociais trabalham para ocultar ou invalidar uma questão existente. Isso se manifesta, por exemplo, nas interpretações de que violências entre homens são “brigas entre iguais”, ou que “homens devem se defender sozinhos”, noções presentes em Souza (2021) e Moreira (2017), ou mediante a crença de que pessoas de gênero feminino são incapazes de perpetrar violências (Silva, 2020).

Evidenciam-se questões como a vulnerabilização psicológica de indivíduos LGBTQIA+ à VPI (Gomes, 2022), a invisibilidade da temática, sustentada por discursos relacionais e de gênero centrados na heterossexualidade, e consequentemente, a dificuldade de reconhecimento da VPI nessas relações, como fatores de suma relevância à compreensão da temática. A influência de crenças errôneas que ora romantizam, ora estigmatizam essas relações, bem como atribuem papéis de gênero heteronormativos a elas (Barros; Sani; Santos, 2019; Mota; Almeida; Machado, 2023), afetam não só a ocorrência, como as particularidades das violências.

Especificidades da violência

As pesquisas analisadas evidenciam que a violência em relacionamentos LGBTQIA+ assume especificidades decorrentes do contexto de heteronorma e estigma social. Dentre elas, destaca-se a existência de violências relacionadas à exposição forçada da orientação sexual ou identidade de gênero de um indivíduo (*outing*), a qual constitui uma tentativa de controle, chantagem e punição (Souza, 2021; Domingos, 2024). Esse tipo de violência aparece em um dos entrevistados de Souza (2021), cuja orientação sexual foi ameaçada de exposição, e apresenta uma especificidade no caso de Moreira (2017), em que a sorologia de HIV de um participante foi revelada ao seu círculo familiar pelo parceiro. Gaspodini (2021) apresenta uma nuance importante ao evidenciar que a imposição de demonstrações públicas de afeto pode funcionar como uma forma de exposição não consentida da relação e, consequentemente, da orientação sexual.

No que tange a especificidades das vivências de VPI de recortes específicos da comunidade LGBTQIA+, os estudos não as tematizam aprofundadamente, com exceção de Campeiz (2023). Seu interlocutores, jovens bissexuais, relatam violências atravessadas fortemente por bifobia, desqualificação e contestação da orientação sexual, a qual era utilizada como “justificativa” para chantagens e coerções (Campeiz, 2023). Nesse sentido, compreensões estigmatizantes da bissexualidade foram mobilizadas por companheiros de gênero feminino e masculino, bem como de orientação heterossexual e homossexual igualmente. Mulheres bissexuais relataram, ainda, serem tratadas com menos cuidado e afeto por parceiros homens, e recorrerem a performances de feminilidade mais acentuadas na tentativa de mitigar as violências sofridas (Campeiz, 2023).

Soma-se a isso o achado de Gaspodini (2021) de que, na amostra analisada, violências específicas a relacionamentos LGBT (como *outing* ou ocultação forçada) foram mais sofridas por pessoas bissexuais.

Convém destacar que os estudos direcionados à população de mulheres trans e travestis mostraram um cenário de violência estrutural contínua, a qual se estende a espaços familiares, comunitários, laborais e institucionais e engloba manifestações psicológicas, físicas e sexuais (Nascimento, 2024; Gil, 2022). Nesse contexto, a VPI aparece como uma dentre as várias violências sofridas num cenário de marginalização marcado por baixo apoio familiar e exclusão do mercado de trabalho formal, dentre outros processos de vulnerabilização (Nascimento, 2024). Os estudos em questão não adentram a vivência da VPI com esse grupo de forma a caracterizá-la, mas é notável que em Nascimento (2024), a VPI aparece agrupada pelas interlocutoras à violência sexual, e, apesar de relatarem tais experiências, as participantes não se sentiram à vontade em detalhar ou aprofundar tal questão, evidenciando a sensibilidade do tema (Nascimento, 2024).

Outro aspecto evidenciado pelos estudos é a bidirecionalidade da violência, caracterizada como alternância entre papéis de vítima e perpetrador dentro da mesma relação ou em momentos distintos (Souza, 2021; Domingos, 2024; Silva, 2020). Na pesquisa de Domingos (2024), tal fenômeno esteve presente nos relatos de 50% dos participantes, especialmente em violências físicas e de controle/monitoramento. Em parte dos contextos relatados, a “revidação” surge como tentativa de defesa ou retribuição (Campeiz, 2023).

No que concerne aos tipos de violência relatados, evidenciou-se prevalência elevada de violência psicológica nas diversas populações investigadas. Domingos (2024) encontrou VPI psicológica em todos os entrevistados, associada a uma ou mais formas de violência ao longo da mesma relação. Entre mulheres lésbicas e bissexuais, os achados de Furukawa (2022) indicam elevada prevalência de violência psicológica, com probabilidade próxima ou superior a 50% em todos os grupos, inclusive os considerados “saudáveis”. No estudo de Gaspodini (2021), a violência psicológica foi a mais prevalente, tanto cometida (72,1%) quanto sofrida (71,4%), havendo diferenças nos perfis de perpetradores e vítimas: foi mais cometida por pessoas do gênero masculino e mais sofrida por pessoas não binárias.

Os achados relatados neste tópico convergem com evidências internacionais, ainda que a literatura nacional seja esparsa. Práticas como as de *outing*, por exemplo, são recorrentes nos estudos estrangeiros (Russell, 2020). No entanto, particularidades da VPI vivenciadas pela população trans são mencionadas por Bermea, Slakoff e Goldberg (2021), mas não encontradas nos estudos analisados na presente revisão, evidenciando lacunas nos objetos de estudo das teses e dissertações produzidas nacionalmente. Nesse sentido, táticas violentas como utilização intencional de pronomes inadequados, restrição ao acesso a recursos de afirmação de gênero, dentre outras formas mencionadas na literatura internacional, não aparecem (Bermea; Slakoff; Goldberg, 2021; Anderson, 2020).

Vulnerabilidades e barreiras institucionais

Como mencionado anteriormente, fatores como exposição ao estigma e à discriminação cotidiana, homofobia internalizada, expectativa de rejeição, ocultação da orientação sexual, operam como estressores associados à VPI LGBTQIA+ (Campeiz, 2023). Tal apontamento é corroborado por Furukawa (2022), cujas participantes apontam homofobia estrutural, internalizada e medo de represália como barreiras ao acesso a redes de proteção. Nesse sentido, em ocasiões nas quais as violências nos relacionamentos são reconhecidas, enfrenta-se ainda o enfraquecimento das redes de suporte informal, constituindo um risco significativo à manutenção das relações, haja vista a possibilidade de ter no parceiro a principal, ou única, fonte de suporte (Matta, 2021; Souza 2021) em meio a um cenário de ausência de acolhimento familiar decorrente da homofobia.

Tal conjuntura é identificada como agravante de vulnerabilidades e intensificadora dos estressores vivenciados (Souza, 2021; Ferrari, 2021). Esse fator se relaciona ao chamado “duplo armário” (Souza, 2021; Domingos, 2024), que alude à ocultação simultânea e relacionada da orientação sexual/existência de um relacionamento e das violências sofridas neste, uma vez que denunciar implica necessariamente em desvelar o não pertencimento à heterossexualidade, intensificando o isolamento e impedindo a busca por ajuda (Souza, 2021; Domingos, 2024). Tal fenômeno aparece em Matta (2021), onde relatar a violência surge como intimamente relacionado a divulgar a orientação sexual, configurando obstáculo à busca de ajuda.

Nessa seara, Furukawa (2022) identificou uma associação significativa entre VPI e Percepção de Suporte Social, embora nem sempre se relacionem diretamente, evidenciando a heterogeneidade desses fenômenos. A autora encontrou que o suporte social pode atuar como fator de proteção à VPI em alguns cenários, mas não em todos (Furukawa, 2022). A importância da rede de apoio surge também em Ferrari (2021), sendo amigos e ambientes virtuais compreendidos como mais seguros do que família, escola e religião em casos de VPI LGBTQIA+. Convém destacar que, em Souza (2021), amigos também aparecem como possível fonte de vitimação, pela reprodução de estereótipos que negam a possibilidade de homens serem vítimas de VPI (Souza, 2021).

Ocasões de enfraquecimento dessa rede favorecem o surgimento ou agravamento da VPI, o que se evidencia pela intensificação percebida durante a pandemia de Covid-19, relatada em Campeiz (2023), cujos participantes vivenciaram, nesse período, isolamento e controle, instabilidade emocional e barreiras de acesso à ajuda (Campeiz, 2023). Além disso, soma-se a esse cenário uma dimensão institucional e estrutural dificultante do acesso a serviços formais de saúde, segurança pública e justiça.

Os obstáculos de acesso a esses mecanismos são relatados em Ferrari (2021), cujos interlocutores, ao buscarem auxílio após sofrerem violências graves, como violência sexual, descreveram violência institucional e desrespeito por parte de profissionais de saúde. A busca por delegacias também foi marcada por receio de discriminação, vergonha e medo, o que aparece em Souza (2021), cujos participantes apontam a baixa procura de apoio formal por homens gays, devido ao preconceito social e a descrença de que suas denúncias seriam levadas a sério. De modo similar, para os interlocutores de Moreira (2017), a denúncia a órgãos oficiais só se tornaria uma alternativa viável frente a situações extremas, como ameaças de morte, o que corresponde aos achados de Gil (2022) e Nascimento (2024), que evidenciam barreiras institucionais encontradas pela população trans e travesti, resultando na busca por tais serviços restrita a situações de violências extremas, devido a experiências recorrentes de desrespeito, transfobia e descrédito vividas nesses ambientes.

No campo jurídico, a lacuna legislativa referente à proteção de homens vitimados por parceiros íntimos é apontada por Souza (2021) e Moreira (2017), que defendem que a Lei Maria da Penha não abarca explicitamente a violência entre casais masculinos, ocasionando a categorização de casos de VPI física, quando esta chega à competência do Estado como lesão corporal (Souza, 2021). Esse cenário favorece a subnotificação e a invisibilização da VPI.

Gil (2022) amplia essa discussão ao âmbito da saúde ao evidenciar as lacunas existentes na notificação de violências no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), do Ministério da Saúde. No estudo em questão, embora 63 das 139 mulheres trans e travestis acessadas tenham relatado vitimação por VPI, apenas 2,94% das violências apareceram registradas no SINAN após comparação dos dados presentes no sistema. A discrepância entre os 82,35% de violência interpessoal reportada no inquérito e os poucos registros formais revela a invisibilização dessa problemática (Gil, 2022). O preenchimento de fichas de catalogação é compulsório por parte dos profissionais de saúde nos casos de violência, mas o autor mostra falhas no preenchimento das categorias orientação sexual e identidade de gênero, comprometendo o monitoramento epidemiológico dessa problemática (Gil, 2022).

Assim, lacunas metodológicas se somam a estigmas sociais e a limitações institucionais, contribuindo para a invisibilidade do fenômeno. O cenário aqui caracterizado converge com os achados de outras fontes da literatura, sendo o contexto de vulnerabilidade marcadamente relacionado à fragilidade da rede de apoio e à discriminação sofrida pela população LGBTQIA+ (Gomes, 2022; Mota; Almeida; Machado, 2023).

Considerações finais

Esta revisão narrativa de literatura encontrou escassez de teses e dissertações voltadas à temática da violência por parceiros íntimos no âmbito LGBTQIA+, totalizando 12 produções inclusas na análise. Estas apresentaram diversidade teórica e metodológica, o que dificulta a compreensão do fenômeno como um todo, em especial de suas particularidades. É notável a pontualidade das produções encontradas, sendo as pesquisas majoritariamente voltadas a grupos específicos nos quesitos localidade e recorte populacional.

Evidencia-se o foco dado às experiências de homens que se relacionam com homens, sendo esse grupo tematizado em quatro das pesquisas, o que possibilitou a comparação dos dados qualitativos encontrados.

Assim, evidenciou-se a influência de ideais de masculinidade tradicionais na socialização masculina brasileira, demarcando expectativas enrijecidas de performances de gênero e de posições sexuais. Nesse contexto, os relacionamentos entre homens são apontados como particularmente influenciados por tais padrões, aos quais se somam as expectativas sociais, facilitando e normalizando a violência.

Embora outros recortes populacionais tenham sido menos explorados pelas produções, dificultando aproximação mais ampla das experiências em questão, mostrou-se que relacionamentos entre mulheres também são afetados por expectativas de gênero, sendo estes marcados majoritariamente por um discurso social que entende a feminilidade como não violenta, muitas vezes desconsiderando a possibilidade de VPI nesses contextos. Formas específicas de VPI LGBTQIA+ são evidenciados por alguns dos estudos, especificamente referentes à ameaça de divulgação forçada da orientação sexual ou identidade de gênero do indivíduo.

Ainda, fatores foram apontados pelas pesquisas, como a dificuldade de reconhecimento da possibilidade de ocorrência de violência em relações LGBTQIA+, decorrente de estigmas sociais. Além disso, emerge nos estudos a significativa vulnerabilização de indivíduos LGBTQIA+, devido ao contexto social homofóbico e discriminador, o que acarreta barreiras ao acesso a dispositivos formais e informais de proteção.

Foram encontradas lacunas significativas acerca da VPI em indivíduos trans, embora tal temática tenha sido abarcada tangencialmente em dois estudos quantitativos com essa população. Estes evidenciaram a recorrência de violências e a intensa vulnerabilidade enfrentada por pessoas trans, com foco em mulheres trans e travestis. Persistem lacunas quanto a dados estatísticos robustos, evidenciando a necessidade de maiores estudos. Adicionalmente, é importante considerar as limitações metodológicas do presente estudo.

No que tange a estas, destaca-se que, embora todas as produções identificadas como relacionadas à temática tenham sido incluídas nas análises, a estratégia de busca adotada pode não ter contemplado a totalidade dos trabalhos existentes. Haja vista a diversidade terminológica que atravessa o tema, evidencia-se como limitação a condução, por uma única pesquisadora, das etapas de definição dos descritores, bem como dos processos de busca e análise, o que pode ter limitado o alcance dos resultados e introduzido vieses na interpretação do material.

Ademais, as características do conjunto documental analisado configuram um limite importante, uma vez que o supracitado enfoque na experiência de homens cisgênero que se relacionam com homens, aliado à escassez de estudos voltados a outros segmentos da população LGBTQIA+, circunscreve o escopo dos dados encontrados. Soma-se a isso o caráter recente das publicações incluídas, evidenciando um campo ainda em desenvolvimento e atualização. Tais aspectos indicam a necessidade de continuidade e ampliação das investigações, com maior diversidade de recortes populacionais e aprimoramento dos delineamentos metodológicos. Apesar disso, a revisão possibilitou reconhecer vulnerabilidades e especificidades da VPI LGBTQIA+.

Referências

ANDERSON, V. N. Trans prejudice and its potential links to IPV among trans people. In: RUSSELL, B. (org.). *Intimate partner violence and the LGBT+ community: understanding power dynamics*. Cham: Springer, 2020. p. 91-110.

BARROS, I. C.; SANI, A.; SANTOS, L. Gênero e violência na intimidade entre pessoas do mesmo sexo: uma revisão sistemática da literatura. *Trends in Psychology / Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 27, n. 1, p. 127–139, 2019. DOI: 10.9788/TP2019.1-10. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/ZRHSh5BZJjwJRN3hVxWQCM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 jan. 2026.

BERMEA, A. M.; SLAKOFF, D. C.; GOLDBERG, A. E. Intimate partner violence in the LGBTQD community: experiences, outcomes, and implications for primary care. *Primary Care: Clinics in Office Practice*, v. 48, n. 2, p. 329–337, 2021. DOI: 10.1016/j.pop.2021.02.006.

CAMPEIZ, A. B. *A violência nas relações de intimidade vivenciada por bissexuais em contexto pandêmico: perspectiva do paradigma da complexidade*. 2023. Tese (Doutorado em Enfermagem) –Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2023. DOI: 10.11606/T.22.2023.tde-16052023-081726. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-16052023->

081726/pt-br.php. Acesso em: 13 dez. 2025.

COELHO, E. B. S.; SILVA, A. C. L. G.; LINDNER, S. R. *Violência por parceiro íntimo: definições e tipologias*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/bitstream/ARES/13953/1/MOOC-Tipologias-violencia.pdf>. Acesso em: 17 set. 2025.

DOMINGOS, V. A. C. *Violência nas relações íntimas entre homens gays: fatores de risco e psicossociais*. 2024. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) – Programa De Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2024. DOI: UFOR_0f3c74c4a2743eb0fb9421895730d01d. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR_0f3c74c4a2743eb0fb9421895730d01d/Details. Acesso em: 20 set. 2025.

FERRARI, W. *Nas tramas da sexualidade: um estudo sobre trajetórias afetivo-sexuais de homens jovens gays*. 2021. Tese (Doutorado Acadêmico em Saúde da Criança e da Mulher) – Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://arca.fiocruz.br/items/a984dabe-6a35-4095-b9e5-284c66aacbd2>. Acesso em: 20 set. 2025.

FLOR, T. O. et al. *Revisões de literatura como métodos de pesquisa: aproximações e divergências*. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA E ENSINO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, Anais [...], 2021, Campina Grande. Anais. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/76913>. Acesso em: 7 out. 2025.

FURUKAWA, L. Y. A. *Violência entre parceiras íntimas: caracterização do fenômeno e avaliação da rede de apoio das vítimas*. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/SCAR_629e1bcbef21cf15e1396de52aac23b8. Acesso em: 20 set. 2025.

GASPODINI, I. B. *Estresse de minoria, sintomas emocionais e violência entre parceiros íntimos em pessoas LGBT no contexto brasileiro*. 2021. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USIN_3af4eeaba9d0092250a0e6ab6c801945. Acesso em: 20 set. 2025.

GIL, A. C. *(Sub)notificações de violências interpessoais contra travestis e mulheres transexuais: linkage entre um inquérito populacional e o sistema de informação*. 2022. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/18994>. Acesso em: 20 set. 2025.

GOMES, M. L. As implicações psicológicas da violência nas relações íntimas homoafetivas entre homens. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 9, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i9.32149. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/32149>. Acesso em: 07 out. 2025.

KRUG, E. G. et al. (ed.). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization, 2002. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9241545615>. Acesso em: 24 set. 2025.

MATTA, T. F. *Violência entre parceiros íntimos na percepção de jovens das minorias sexuais*. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/19553>. Acesso em: 07 out. 2025.

MOREIRA, A. M. *A violência por parceiro íntimo (VPI) em casais homoafetivos masculinos: visibilizando o fenômeno*. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/dec2f74b-827c-43c1-b075-cf3591a82307>. Acesso em: 20 set. 2025.

MOTA, F. L.; ALMEIDA, M. A. S.; MACHADO, D. F. Os impactos da violência entre mulheres em relação íntima: uma revisão integrativa da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 29, n. 2, 2024. DOI: 10.1590/1413-81232024292.03232023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/w6j59fsqmDKGdkGnFkMD5SL/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 10 set.

2025.

NASCIMENTO, E. M. *Acesso aos serviços de saúde e suas interfaces com as violências: perspectivas das mulheres transgênero e travestis*. 2024. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/21807>. Acesso em: 07 out. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Intimate partner violence*. Genebra: OMS, 2022. Disponível em: <https://apps.who.int/violence-info/intimate-partner-violence/>. Acesso em: 17 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Violence against women prevalence estimates, 2018: global, regional and national prevalence estimates for intimate partner violence against women*. Genebra: OMS, 2018. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240022256>. Acesso em: 24 set. 2025.

RUSSELL, B. (org.). *Intimate partner violence and the LGBT+ community: understanding power dynamics*. Cham: Springer, 2020.

SANTOS, R. O. *Notificações de violência interpessoal e autoprovocada em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) no Paraná de 2015 a 2017*. 2021. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/80717>. Acesso em: 20 set. 2025.

SILVA, P. C. A. *“Mas, entre mulheres? Como assim?”: uma análise antropológica sobre conflitos e violências em narrativas sobre conjugalidades lésbicas em Goiânia*. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: [https://repositorio-bc.ufg.br/tede/items/9c12dfc4-1308-4465-a100-e1294a6dfb39](https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/9c12dfc4-1308-4465-a100-e1294a6dfb39). Acesso em: 20 set. 2025.

SOUSA, F. K. M. Narrativas sobre relacionamentos abusivos e mudança de sensibilidades do que é violência. In: SEMINÁRIO FESPSP, 2017, São Paulo. Incertezas do trabalho. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://fespssp.wixsite.com/anais/gt13-17>. Acesso em: 17 set. 2025.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO PARANÁ. *Cartilha de relacionamento abusivo*. Curitiba: TJPR, 2023. Disponível em: https://www.tjpr.jus.br/documents/12054912/55369057/Cartilha_Relacionamento_Abusivo+-+vers%C3%A3o+final+diagramada.pdf. Acesso em: 18 set. 2025.

ZIBENBERG, D.; COSTA, L. B. M. F. O que é abusivo: uma revisão sobre relacionamentos abusivos. In: Psicologia e cultura: abordagens, reflexões e implicações da psicologia na sociedade contemporânea. v. 1. Editora e-Publicar, 2023. Disponível em: <https://editorapublicar.com.br/ojs/index.php/publicacoes/article/view/670>. Acesso em: 07 set. 2025.

Recebido em: 09/03/2026

Aprovado em: 19/05/2026

ANEXOS

ANEXO A - Caracterização das produções analisadas

Tabela 1 - Síntese das teses e dissertações incluídas na revisão

Autor / Título	Ano	Método / Objeto de estudo
Souza, D. C. Violência por parceiro íntimo nas relações entre homens.	2021	Qualitativa. Significados da VPI para HRH residentes de Manaus.
Ferrari, W. Nas tramas da sexualidade: um estudo sobre trajetórias afetivo-sexuais de homens jovens gays.	2021	Qualitativa. Vivências de socialização e relacionamentos de jovens de camadas populares do Rio de Janeiro.
Moreira, A. M. A violência por parceiro íntimo (VPI) em casais homoafetivos masculinos: visibilizando o fenômeno	2017	Qualitativa. Percepção de homens gays, que vivenciaram ou não a VPI, sobre essa temática.
Matta, T. F. Violência entre parceiros íntimos na percepção de jovens das minorias sexuais	2021	Qualitativa. Percepção de jovens LGBT de universidades públicas do Rio de Janeiro sobre a VPI.
Gil, A. C. (Sub)notificações de violências interpessoais contra travestis e mulheres transexuais: linkage entre um inquérito populacional e o Sistema de Informação.	2022	Quantitativa, transversal. Comparação entre a prevalência de violência interpessoal contra travestis e mulheres transexuais esperada e encontrada no SINAN do Rio de Janeiro.
Domingos, V. A. Violência nas relações íntimas entre homens gays: fatores de risco e psicossociais.	2024	Qualitativa. Experiências de homens gays do Ceará com a VPI, mapeando fatores de risco e proteção.
Santos, R. Notificações de violência interpessoal e autoprovocada em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) no Paraná de 2015 a 2017.	2021	Quantitativa, epidemiológica, descritiva. Caracterização dos dados de violência interpessoal contra pessoas LGBT notificados no SINAN do Paraná.
Furukawa, L. Y. A. Violência entre parceiras íntimas: caracterização do fenômeno e avaliação da rede de apoio das vítimas.	2022	Quantitativa, transversal. Caracterização da VPI entre mulheres, correlacionada à Percepção de Suporte Social.
Nascimento, E. M. Acesso aos serviços de saúde e suas interfaces com as violências: perspectivas das mulheres transgênero e travestis.	2024	Qualitativa, descritiva. Percepções de mulheres trans e travestis do Rio de Janeiro sobre violências sofridas e o acesso aos sistemas de saúde.
Campeiz, A. B. A violência nas relações de intimidade vivenciada por bissexuais em contexto pandêmico: Perspectiva do Paradigma da Complexidade.	2023	Qualitativa. Relatos de VPI vividas por jovens bissexuais residentes de São Paulo durante a pandemia.
Silva, P. C. A. 'Mas, entre mulheres? Como assim?': Uma análise antropológica sobre conflitos e violências em narrativas sobre conjugalidades lésbicas em Goiânia.	2020	Qualitativa. Significados e percepções de MRM sobre violências e abusos em seus relacionamentos.
Gaspodini, I. B. Estresse de Minoria, Sintomas Emocionais e Violência entre Parceiros Íntimos em Pessoas LGBT no Contexto Brasileiro.	2021	Quantitativa. Correlações entre VPI, Estresse de Minorias e sintomas emocionais na população LGBT brasileira.

Fonte: Elaboração própria (2026).